

# EVOLUÇÃO



## I PEQUENO SEMINÁRIO

ARTE/EDUCAÇÃO COMPROMETIDA NA DIPED  
CAPELA DO SOCORRO



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.62>

**Editor Responsável:** Antônio Raimundo Pereira Medrado  
**Editor correspondente (ANGOLA):** Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac dos Santos Pereira  
José Wilton dos Santos  
Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial (Angola):**

Manuel Francisco Neto  
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza  
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)  
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo  
Prof. Me. Wilder Dala Quinjangó (Angola)

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Prof. Dr. Isac Chateauf  
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Me. José Wilton dos Santos  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

**Web-edição:**

T.I Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 62 (dez. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 210 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.62

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo  
[www.livroalternativo.com.br](http://www.livroalternativo.com.br)  
CNPJ: 28.657.494/0001-09

## 05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

## 06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

## 07 ESPECIAL

I PEQUENO SEMINÁRIO - Práticas para uma Arte/Educação Colaborativa

DIPED - Capela do Socorro

## 12 POIESIS

J. Wilton



## ARTIGOS

1. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E OS DESAFIOS DA DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
*Adriana Pereira Santos da Silva* 17
2. CUIDAR E EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA INTEGRADA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA  
*Adriana Silva de Santana Barros* 24
3. ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE O BRINCAR E O PENSAR  
*Amanda Zuza dos Anjos* 30
4. A ESCOLA NA COMUNIDADE: CAMINHOS PARA ENFRENTAR OS INÚMEROS DESAFIOS  
*Ana Maria Dainauskas Soares* 41
5. PLANO DE ACÇÃO PARA FORTALECER A INTEGRAÇÃO ENTRE ÁREAS DA GESTÃO ESTRATÉGICA PARA MELHORIA DO ENSINO NO INSTITUTO SUPERIOR INTERNACIONAL DE ANGOLA  
*Ana Maria Mbuilo Pambu* 48
6. AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NA PROGRESSÃO DE CARREIRA PROFISSIONAL: CASO DE ESTUDO DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE LUCALA NO CUANZA NORTE  
*Beatriz Mena Kanga Marques* 56
7. A RELEVÂNCIA DA GESTÃO ESTRATÉGICA PARA GARANTIA DA COMPETIVIDADE DAS EMPRESAS PÚBLICAS ANGOLANAS (CASO DA EDIÇÕES NOVEMBRO-E.P.)  
*Bernarda Domingos Martins* 62
8. BRINCAR LIVRE NA PRIMEIRA INFÂNCIA: A ABORDAGEM DE EMMI PIKLER PARA AUTONOMIA E PROTAGONISMO INFANTIL  
*Cícera da Silva Ramos* 68
9. IMPLICAÇÕES DIDÁTICAS: QUESTÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS  
*Cláudia Regina Mistreli* 74
10. UMA REFLEXÃO BIBLIOGRÁFICA: A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO EM ANGOLA  
*Edson da Conceição Graça* 82
11. MOTIVAÇÃO LABORAL COMO FACTOR DE PRODUTIVIDADE DOCENTE NO INSTITUTO TÉCNICO PRIVADO MARCIVAL  
*Felisberto da Cruz Félix* 89
12. MODALIDADES DE ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA: UMA PERSPECTIVA ENTRE O IDEAL E O REAL  
*Fortuna Neto Figueiredo Vitangui* 96
13. EXPRESSÃO, CRIATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA  
*Ingrid da Silva Cavalcante de Paula* 110
14. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES  
*Joice de Andrade Silva* 117
15. MINI HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A FOTOGRAFIA E A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO INSTRUMENTOS DE NARRATIVA E APRENDIZAGEM  
*Leandro de Almeida Oliveira* 124
16. PROTAGONISMO, INTERAÇÕES E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO À LUZ DA BNCC  
*Luciane de Jesus Mineiro de Lima* 131
17. POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS NA IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA #TAMOJUNTO NA ZONA LESTE PAULISTANA: ENTRE TENSÕES E ENGAJAMENTOS  
*Marcelo Cunha* 141
18. INFÂNCIA, CULTURA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL HUMANIZADORA  
*Maria de Lourdes Ferreira da Silva* 156
19. O PARQUE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO  
*Orlaneide Ferreira Santos Diamante* 163
20. O MOBILIÁRIO NA PEDAGOGIA MONTESSORI: CONTRIBUIÇÕES PARA A AUTONOMIA E DESENVOLVIMENTO INFANTIL  
*Renata da Costa Braz* 169
21. EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: APRENDIZAGENS, EXPERIÊNCIAS E INTERAÇÕES  
*Rosemeire Santos de Deus Lopes* 176
22. UMA ANÁLISE SOBRE AS DIFICULDADES DOS ESTUDANTES DOS 8º ANOS DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO FLORENTINO COM AS AULAS REMOTAS  
*Sidnei Aparecido da Costa* 182
23. DIREITOS DO CONSUMIDOR NO ENSINO PARTICULAR EM ANGOLA – UM OLHAR JURÍDICO CONSTITUCIONAL  
*Simão Vembo* 192
24. CRIANÇAS MIGRANTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA  
*Simone Gomes de Macêdo Miranda Silva Ferreira* 204

## EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: APRENDIZAGENS, EXPERIÊNCIAS E INTERAÇÕES

ROSEMEIRE SANTOS DE DEUS LOPES<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo, de natureza teórica e bibliográfica, tem como objetivo analisar a importância da educação científica na Educação Infantil, enfatizando a interação entre crianças e o mundo natural. A metodologia consiste na revisão de literatura especializada e em documentos oficiais que orientam a prática pedagógica, permitindo compreender como experiências investigativas podem ser articuladas ao cotidiano escolar. Os resultados indicam que o desenvolvimento integral das crianças depende de uma abordagem que combine observação, manipulação, experimentação e questionamento, promovendo aprendizagens significativas em Ciências e fomentando a curiosidade natural. A pesquisa também evidencia que práticas consistentes e contextualizadas, como hortas escolares e exploração de materiais naturais, potencializam o interesse científico das crianças, integrando cultura e natureza de forma articulada. Conclui-se que a alfabetização científica na Educação Infantil não objetiva apenas formar futuros cientistas, mas ampliar a compreensão do mundo físico e sociocultural, contribuindo para a autonomia intelectual e o desenvolvimento social das crianças.

**Palavras-chave:** Alfabetização Científica; Educação Infantil; Ciências; Desenvolvimento Investigativo.

### INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui o primeiro espaço formal de socialização e aprendizagem das crianças, sendo essencial para o desenvolvimento integral de habilidades cognitivas, sociais, afetivas e científicas. Nesse contexto, a educação científica se apresenta como uma ferramenta estratégica para despertar a curiosidade natural das crianças, estimulando a investigação, a observação e a construção de conhecimento sobre o mundo físico e sociocultural. Conforme Tiriba (2010), creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar, pois é nesse ambiente que as crianças experimentam suas primeiras impressões, sensações e sentimentos,

articulando a dimensão ambiental à dimensão cultural de forma integrada.

A educação em Ciências na infância não se limita ao contato com a natureza ou à disponibilização de materiais exploratórios; é necessário que os educadores promovam situações de questionamento, incentivo à formulação de hipóteses e investigação contextualizada (Zancul, 2020; Lima & Loreiro, 2013). Essa abordagem permite que as crianças compreendam relações entre fenômenos naturais, materiais e seres vivos, desenvolvendo não apenas habilidades cognitivas, mas também atitudes de cuidado, respeito e responsabilidade com o meio ambiente. Assim, a Educação Infantil deve aliar experiências práticas, observação

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia e Artes Visuais. Pós-graduada em Artes Visuais; Educação Especial e Psicologia Educacional. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

direta e exploração do entorno, promovendo a alfabetização científica como elemento cultural e social, capaz de preparar crianças para interpretar e interagir com o mundo de forma consciente e crítica (Lorenzetti & Delizoicov, 2001; Viecheneski, Lorenzetti & Carletto, 2012).

## METODOLOGIA

Este estudo possui caráter teórico-bibliográfico, baseado na análise crítica de obras científicas, artigos especializados e documentos oficiais que orientam a Educação Infantil, como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2009) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2017). A escolha por esse delineamento metodológico justifica-se pela necessidade de compreender a prática pedagógica de forma fundamentada em estudos já consolidados, possibilitando a identificação de estratégias eficazes para a alfabetização científica na infância.

A seleção das referências considerou autores que abordam a relação entre crianças, natureza e cultura (Tiriba, 2010; Zancul, 2020; Lima & Loreiro, 2013), bem como pesquisas que discutem a introdução da alfabetização científica desde os primeiros anos de escolarização (Driver et al., 1999; Chassot, 2003; Lorenzetti & Delizoicov, 2001). A análise envolveu a organização dos dados em categorias temáticas, como exploração do meio natural, interação com materiais e objetos, investigação e experimentação, e articulação com o currículo, permitindo identificar práticas pedagógicas consistentes, contextualizadas e que promovem aprendizagem significativa.

Além disso, a metodologia buscou compreender o papel do professor como mediador da aprendizagem científica, enfatizando a importância de experiências investigativas que integrem observação, experimentação, formulação de hipóteses e reflexão, promovendo tanto o desenvolvimento cognitivo quanto socioemocional das crianças. Por meio dessa abordagem, tornou-se possível delinear recomendações e princípios pedagógicos que consolidam a educação

científica como parte do currículo da Educação Infantil, articulando natureza, cultura e investigação de maneira contínua e estruturada.

## A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil representa o primeiro espaço formal no qual as crianças começam a desenvolver a compreensão sobre o mundo que as cerca. Nesse período, a curiosidade natural é intensa, e a exploração de fenômenos e objetos do cotidiano permite construir conhecimentos significativos. Para que o ensino de Ciências seja efetivo, é necessário ir além do simples contato com materiais ou ambientes naturais, promovendo situações de questionamento, investigação e reflexão. Nesse sentido, Zancul (2020) afirma que:

“Quando pensamos em educação científica, sabemos que é importante proporcionar às crianças o contato com diferentes fenômenos e objetos que despertem seu interesse e isso parece ser pouco utilizado pela escola. No entanto, apenas favorecer o convívio com a natureza e deixar disponíveis materiais que possam ser explorados não é suficiente para garantir aprendizagens em Ciências. É necessário que a escola estimule o questionamento, que incentive as crianças a elaborar perguntas, sobretudo aquelas para as quais não se tenham respostas prontas”. (Zancul, 2020, p. 27).

Essa perspectiva indica que a alfabetização científica na infância deve ser pensada como um processo ativo, no qual as crianças têm papel central na construção do conhecimento. Conforme Lima e Loreiro (2013), o interesse pelos fenômenos naturais é natural e espontâneo:

“As crianças desde o início de seu processo de escolarização apresentam grande interesse pelos fenômenos naturais e pela busca de explicações dos como e porquês as coisas são como são. As aulas de ciências, em geral, são as mais concorridas no sentido da movimentação das crianças com o aprendizado, principalmente se elas são colocadas diante de situações desafiadoras, contextualizadas e abertas de modo a permitir a busca de respostas para satisfazer suas curiosidades”. (Lima & Loreiro, 2013, p. 15).

Dessa forma, o ensino de Ciências na Educação Infantil não tem como objetivo formar futuros cientistas, mas sim ampliar a compreensão das crianças sobre o mundo natural e sociocultural. Lorenzetti e Delizoicov (2001) reforçam essa ideia ao apontar que:

“Depreende-se, pois, que a alfabetização científica na perspectiva que está sendo apresentada não objetiva treinar futuros cientistas, ainda que para isso possa contribuir. Objetiva sim, que os assuntos científicos sejam cuidadosamente apresentados, discutidos, compreendendo seus significados e aplicados para o entendimento do mundo. Aumentar o nível de entendimento público da Ciência é hoje uma necessidade, não só como um prazer intelectual, mas também como uma necessidade de sobrevivência do homem. É uma necessidade cultural ampliar o universo de conhecimentos científicos, tendo em vista que hoje se convive mais intensamente com a Ciência, a Tecnologia e seus artefatos”. (Lorenzetti & Delizoicov, 2001, p. 5).

Além disso, a alfabetização científica na infância deve envolver experiências investigativas contínuas, permitindo que as crianças observem, testem hipóteses, questionem e compartilhem ideias. Viecheneski, Lorenzetti e Carletto (2012) destacam que:

“[...] na fase inicial de escolarização, o importante é que a criança tenha oportunidades de envolver-se em situações investigativas, de experimentar, testar hipóteses, questionar, expor suas ideias e confrontá-las com as de outros. Nesse sentido, o papel do professor é propiciar um espaço favorável à descoberta, à pergunta, à investigação científica, instigando os alunos a levantar suposições e construir conceitos sobre os fenômenos naturais, os seres vivos e as inter-relações entre o ser humano, o meio ambiente e as tecnologias”. (Viecheneski; Lorenzetti; Carletto, 2012, p. 859).

Portanto, a educação científica na Educação Infantil deve ser entendida como uma prática pedagógica intencional, contínua e contextualizada, articulando experiências com a natureza, exploração de materiais e estímulo à curiosidade investigativa, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

## A IMPORTÂNCIA DA NATUREZA E DOS MATERIAIS NATURAIS

A interação direta com a natureza e com materiais provenientes do meio ambiente desempenha papel central na aprendizagem científica durante a Educação Infantil. Experiências práticas permitem que as crianças compreendam processos naturais, relações de causa e efeito, e a transformação de materiais, favorecendo a construção de conceitos de forma concreta e significativa. Nesse sentido, Tiriba (2010) destaca que a vivência com a natureza deve estar incorporada à rotina pedagógica, não se limitando a experiências eventuais:

“Essas experiências não podem ser eventuais, devem estar no coração do projeto pedagógico, como rotina, de tal forma que as crianças tenham acesso direto e frequente, reguem, participem da limpeza da horta, da colheita, integrando-se, vivenciando e conhecendo na prática, os processos de nascimento e crescimento dos frutos da terra”. (Tiriba, 2010, p. 8).

A exploração de materiais naturais também se mostra fundamental para a alfabetização científica, pois permite que as crianças percebam a origem, propriedades e funções de diferentes elementos presentes em seu cotidiano.

O contato constante com o ambiente natural, aliado à exploração de materiais, contribui para que as crianças compreendam as inter-relações entre seres vivos, recursos e transformações naturais, promovendo tanto o desenvolvimento cognitivo quanto atitudes de cuidado e respeito pelo meio ambiente. Essa prática também reforça a integração entre os universos cultural e natural, garantindo que as aprendizagens científicas sejam contextualizadas e significativas (Tiriba, 2010).

Dessa forma, a educação científica na infância se fortalece quando se estabelece um vínculo contínuo e ativo com o mundo natural, transformando experiências do cotidiano em oportunidades de investigação, reflexão e construção de conhecimento.

## CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O currículo da Educação Infantil deve ser concebido como um conjunto de práticas intencionalmente articuladas, que buscam integrar as experiências das crianças com os saberes presentes na cultura, na ciência, na tecnologia, nas artes e no meio ambiente. Essa articulação é fundamental para promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos, permitindo que elas explorem, investiguem e compreendam o mundo ao seu redor. Conforme o documento oficial do Ministério da Educação:

“O currículo de Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes da criança com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”. (Brasil, 2009, p. 18).

Além de organizar experiências, o currículo deve oferecer oportunidades de aprendizagem que integrem natureza e cultura de forma equilibrada, promovendo curiosidade científica e investigação. Bitencourt (2020) chama atenção para o retrocesso na inclusão das Ciências Naturais na Educação Infantil, apontando que políticas educacionais recentes têm restringido a concepção de uma educação que valorize igualmente o universo natural e o cultural:

“[...] o que encontramos foi um retrocesso no que tange a relação criança-natureza, uma tentativa de apagamento das temáticas das Ciências Naturais no âmbito da Educação Infantil. Trata-se de um documento oficial que vem restringindo a possibilidade de uma concepção de Educação Infantil pautada em uma relação igualitária entre o universo cultural e o universo natural”. (Bitencourt, 2020, p. 17-18).

Nesse contexto, os professores da Educação Infantil são orientados a iniciar o ensino de Ciências a partir de temas que posteriormente serão aprofundados no Ensino Fundamental, promovendo uma progressão coerente de aprendizagem (Rumenos, Massabni

& Bonito, 2019). Essa abordagem permite que os conteúdos científicos sejam apresentados de maneira cuidadosa, contextualizada e significativa, favorecendo a compreensão do mundo natural e social, sem a necessidade de formação de futuros cientistas, mas sim de cidadãos com conhecimento ampliado sobre a Ciência e suas implicações sociais:

“É possível supor que os professores da Educação Infantil são conduzidos a iniciar o ensino de Ciências a partir de assuntos que se constituirão em conteúdos ao longo do ensino fundamental, a serem abordados na disciplina de Ciências”. (Rumenos; Massabni; Bonito, 2019, p. 277).

Dessa forma, o currículo deve promover experiências investigativas, experimentações, observações e questionamentos, integrando teoria e prática. As práticas pedagógicas consistentes, contextualizadas e contínuas garantem que a Educação Infantil cumpra seu papel na alfabetização científica, conectando crianças à natureza, à cultura e à sociedade, preparando-as para compreender e interagir com o mundo de forma crítica e consciente.

## DESENVOLVIMENTO DA CURIOSIDADE E DO PENSAMENTO CIENTÍFICO NA INFÂNCIA

O desenvolvimento da curiosidade e do pensamento científico constitui um elemento central da Educação Infantil, pois permite que as crianças formulem perguntas, investiguem fenômenos e construam explicações sobre o mundo de maneira autônoma. Desde os primeiros anos, as crianças demonstram interesse natural pelos acontecimentos ao seu redor, buscando compreender os “como” e “porquê” das situações cotidianas. Nesse sentido, Driver, Asoko, Leach, Mortimer e Scott (1999) ressaltam que:

“Aprender ciências envolve a introdução das crianças e adolescentes a uma forma diferente de pensar sobre o mundo natural e de explicá-lo; é tornar-se socializado, em maior ou menor grau, nas práticas da comunidade científica, com seus objetivos específicos, suas maneiras de ver o mundo e suas formas de dar suporte às assertivas do conhecimento”. (Driver; Asoko; Leach; Mortimer; Scott, 1999, p. 36).

A alfabetização científica, portanto, não se restringe ao acúmulo de informações, mas envolve a participação das crianças em situações investigativas, onde elas podem levantar hipóteses, testar ideias e confrontar suas observações com as de colegas e professores. Chassot (2003) reforça que:

“Como fazer uma alfabetização científica? Parece que se fará uma alfabetização científica quando o ensino da ciência, em qualquer nível [...] contribuir para a compreensão de conhecimentos, procedimentos e valores que permitam aos estudantes tomar decisões e perceber tanto as muitas utilidades da ciência e suas aplicações na melhora da qualidade de vida, quanto as limitações e consequências negativas de seu desenvolvimento”. (Chassot, 2003, p. 99).

Assim, o papel do professor vai além de transmitir conhecimentos; ele atua como mediador da aprendizagem científica, propondo desafios, incentivando questionamentos e proporcionando experiências investigativas que estimulem o pensamento crítico. Esse processo promove a capacidade das crianças de compreender relações entre fenômenos naturais, seres vivos e tecnologias, desenvolvendo habilidades cognitivas, socioemocionais e éticas, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e capazes de atuar de forma responsável no mundo contemporâneo.

O fortalecimento do pensamento científico desde a infância contribui para a autonomia intelectual, a curiosidade investigativa e a capacidade de interpretar e lidar com situações complexas, preparando as crianças para compreender e transformar seu entorno de maneira significativa e responsável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada neste artigo evidencia que a Educação Científica na Educação Infantil desempenha papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, articulando conhecimentos, experiências práticas e habilidades cognitivas, sociais e emocionais. A

investigação mostrou que, para promover aprendizagens significativas, é necessário ir além do simples contato com a natureza ou com materiais exploratórios, integrando experiências constantes, contextualizadas e mediadas por professores preparados para estimular a curiosidade, o questionamento e o pensamento investigativo.

Os capítulos abordados demonstram que a alfabetização científica na infância não se limita a formar futuros cientistas, mas amplia a compreensão das crianças sobre o mundo natural e sociocultural, promovendo autonomia intelectual, senso crítico e atitudes de cuidado e respeito pelo meio ambiente. Experiências como exploração de materiais, participação em hortas, observação de fenômenos naturais e estímulo a hipóteses científicas contribuem para que as crianças construam conhecimento de maneira concreta e significativa, integrando teoria, prática e contexto cultural.

Além disso, o estudo reforça a importância de um currículo articulado, que combine natureza, cultura, ciência e tecnologia, oferecendo oportunidades para investigação contínua e sistemática. A educação científica na infância emerge, assim, como um instrumento de formação cidadã, permitindo que crianças compreendam, interpretem e atuem no mundo com consciência, curiosidade e responsabilidade.

Portanto, investir em práticas pedagógicas consistentes e estruturadas, centradas na experiência investigativa e na interação com o universo natural e sociocultural, é fundamental para consolidar a alfabetização científica e garantir que a Educação Infantil cumpra seu papel de promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos.

## REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, Juliana Vieira W. Ciências naturais na educação infantil em experiências e memórias docentes. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense –UFF, Niterói, 2020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – Resolução CNE/CEB no 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, CNE/CEB, 2009. Disponível em: [https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005\\_2009.pdf](https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf). Acesso em 24 nov. 2025.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação* [online], [s.l.], n. 22, p. 89-100, 2003. ISSN 1413-2478. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S141324782003000100009&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141324782003000100009&lng=es&nrm=iso). Acesso em 25 nov. 2025.

DRIVER, R.; ASOKO, H.; LEACH, J.; MORTIMER, E.; SCOTT, P. Construindo o conhecimento científico em sala de aula. *Química Nova na Escola*, São Paulo, n. 9, 1999.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; LOUREIRO, Mairy Barbosa. *Trilhas para ensinar ciências para crianças*. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 45-61, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epcc/a/N36pNx6vryxdGmDLf76mNDH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2025.

RUMENOS, N. N.; MASSABNI, V. G.; BONITO, J. Reforçar a educação em ciências na educação infantil no Brasil. *Mimesis*, Bauru, v. 40, n. 2, 2019.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em Movimento: perspectivas atuais, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais*[...]. [S. l.]: FFCLRP-USP; ISE Vera Cruz, 2010.

VIECHENESKI, J.; LORENZETTI, L.; CARLETTO, M. R. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 853-879, 2012. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3470/2182>. Acesso em: 25 nov. 2025.

ZANCUL, M. C. S. Ensino de Ciências para crianças: alguns apontamentos para reflexões. In: VIVEIRO, A. A.; MEGID NETO, J. (org.). *Ensino de Ciências para crianças: fundamentos, práticas e formação de professores*. Itapetininga: Edições Hipótese, 2020.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.62>



### COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
 Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
 Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

### AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva  
 Adriana Silva de Santana Barros  
 Amanda Zuza dos Anjos  
 Ana Maria Dainauskas Soares  
 Ana Maria Mbuilo Pambu  
 Beatriz Mena Kanga Marques  
 Bernarda Domingos Martins  
 Cícera da Silva Ramos  
 Cláudia Regina Mistreli  
 Edson da Conceição Graça  
 Felisberto da Cruz Félix  
 Fortuna Neto Figueiredo Vitangui  
 Ingrid da Silva Cavalcante de Paula  
 Joice de Andrade Silva  
 Leandro de Almeida Oliveira  
 Luciane de Jesus Mineiro de Lima  
 Marcelo Cunha  
 Maria de Lourdes Ferreira da Silva  
 Orlaneide Ferreira Santos Diamante  
 Renata da Costa Brás  
 Rosemeire Santos de Deus Lopes  
 Sidnei Aparecido da Costa  
 Simão Vembo  
 Simone Gomes de Macêdo Miranda Silva Ferreira

Indexadores:



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

